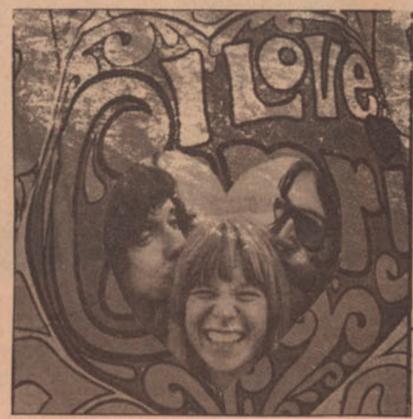


TROPICÁLIA ANO 10-11

E MUITO SE FALOU SOBRE ESSA ARTE "BÁRBARA" DOS BAIANOS...

Dez anos depois os fundadores do Tropicalismo continuam no centro de uma polêmica nacional. O Tropicalismo inovou, renovou, revolucionou? Sobretudo, ele permanece? Se as perguntas estão no ar as respostas tampouco puderam ser encontradas. O que importa é que os fundadores permanecem, o movimento foi rico e contagiante, abriu novas e fecundas fronteiras para a Música Popular Brasileira. Agora, ficou a certeza de que era necessário explodir, derrubar prateleiras, desarrumar a casa, virar os pratos.



Na frente do espelho, sem que ninguém a visse, miss, linda, feia, Lindonéia desaparecia... (Lindonéia — Caetano/Gil)



Hoje eu vou fugir de casa vou levar a mala cheia de ilusão. Vou deixar alguma coisa velha esparramada toda pelo chão. (Fuga número dois — Mutantes)



TRÊS OPINIÕES SOBRE O MOVIMENTO

Analisando a importância do Tropicalismo, três nomes ligados à Música Popular Brasileira: Nelson Mota, Júlio Medaglia e Gilberto Vasconcelos expõem seus pontos de vista e deixam bem claro que o movimento dos baianos dificilmente se repetirá, devido ao impacto e a objetividade conseguidos.

— Desde a Tropicália — aquela feijoadá que inventou, bagunçou e destruiu valores, conceitos e preconceitos na música brasileira, a chamada MPB perdeu o rumo da casa, perdeu a própria casa. E ainda não saiu do impasse. Não se trata de uma crise de criatividade, mas de técnica. Uma crise de recursos. A Tropicália detonou o mesmo fenômeno acontecido com o rock e o jazz. Só que nesse caso, o pessoal não parou. Procurou novos rumos em novas culturas. Novas motivações. E continua assim. Quanto a nós, nada. Vemos por aí valores isolados pintarem de vez em quando, mas sem uma atitude ou proposta que faça alguém pensar: "Ei, tá surgindo um novo caminho, uma nova meta". Nossos compositores continuam sem saber — desde a derrotada Tropicália — onde se agarrar.

— Não que exista uma falta de motivação. Como disse anteriormente, o problema é de técnica, pois estamos estagnados em recursos técnicos. Motivação não nos falta. Não existe um país mais rico que o nosso. Só em Pernambuco há mais motivações, mais riquezas de matéria-prima, ritmo, dança, formas de expressão que na Europa inteira. Há pouco tempo, um cara ligado ao rock inglês, teve aqui, chamou um monte de percussionistas mandou que eles tocassem, improvisassem enfim, deu plena liberdade de criação. O resultado foram várias fitas "cassete" que ele levou para ouvir, extrair o que há de melhor, e com sua técnica infernal sugar o que tiver de essencial. Os grupos ingleses e americanos importantes no rock, fazem isso, no mundo inteiro. Catam, se embrenham em subterrâneos culturais do mundo inteiro. (Mestre Júlio Medaglia) Por outro lado, Nelson Mota vê o movime to de um ângulo mais específico já que ele participou do mesmo duplamente: como compositor e jornalista.

— O nome tropicalismo surgiu em uma mesa alegre do Alpino, entre gargalhadas de Glauber Rocha, Luís Carlos Barreto, Cacó Diegues e eu. Todos imaginando uma grande festa com tudo de mais rigoroso e brasileiro, engolindo com prazer e "assumindo" (na época se falava) a barra tropical. Era só uma festa. Mas no dia seguinte, aparecia em minha coluna Roda Viva (Última Hora, setembro de 67), uma matéria enorme divertida sobre o título geral de "Cruzada Tropicalista" e ilustrada por Moisés Fucks, com uma foto de Vicente Celestino. O movimento de Gil e Caetano já existia e começava a tomar corpo, com Rogério Duprat, Júlio Medaglia.

— Com o Tropicalismo dos baianos foi assim: contestaram radicalmente o movimento anterior e já desgastado pelo supracitado, predatório e castrante consumismo, e impuseram novas linguagens a partir de uma visão profundamente nacionalista e crítica do Brasil, com os tempos conturbados e nacionalistas que vivemos em 68.

— Nas modificações for mais da linguagem tropicalista continuavam coexistindo as idéias antropológicas de Oswald de Andrade e a melhor música que o mundo ouviu na primeira metade da década de 60 — a pop music americana de judeu Bob Dylan (com sua crítica poética e gigantesca — como o tropicalismo) e a da primeira geração do rock da Califórnia filho direto do branco de Memphis terras dos negros: Elvis Presley e a explosão dos sentidos, a perturbadora música que fazia as pessoas sentirem que, muita coisa importante/sima não se passa só no coração ou na cabeça: que o pessoal da cintura para baixo também tem igual importância na inteireza de um ser humano. Na valorização do corpo, da dança, das cores do sexo e dos sonhos, o Tropicalismo começou a mais poderosa música que o mundo ouviu naqueles tempos de mudanças e violências: o rock-folk norte-americano.

— Para os tropicalistas, a explosão pop significava uma inesquecível e vital liberdade dos tempos violentos, repressivos e cruéis que o mundo inteiro viveu. Se no mundo desenvolvido a explosão do folk-rock significava as primeiras trombetas de liberdade individual e coletiva, entre os países que se debatiam nos desesperos dos fracassos e explorados, a liberdade individual passava a ser a única ambição e posição diante de uma distante sociedade rica

que se dá ao luxo — porque é forte bastante para suportar — de ser livre e aberto. Na relação entre exploradores e explorados, temos testemunhos que a liberdade é luxo e prêmio. A crítica fica para os que fazem a história: os que fazem a música só testemunham, comentam e relatam.

Autor do livro Música Popular: de olho na Fresta, Gilberto Vasconcelos analisa a Tropicália de dois ângulos como diz.

— O movimento tropicalista situa-se em dois planos: crítica à musicalidade do passado e crítica ao míldo engajamento da canção de protesto. Reveste-se por outro lado, de dupla determinação: surge como uma reação aos acontecimentos de abril de 64, ao mesmo tempo em que transcende o novo quadro político-institucional implantado no País. Do ponto de vista cultural, ele significa a primeira formulação, ao nível da MPB, de deglutição estética e estrangeira e a consequente superação tradicional, nacionalismo musical. E mais ainda: surge como um ponto nevrálgico à compreensão da dependência cultural, como vemos adiante. A produção artística do chamado grupo baiano resolveu o equacionou sob outro ângulo, os principais obstáculos com que se defrontaram os anteriores movimentos musicais no Brasil. Mas no seu combate à tradição, ele não caiu no engodo vanguardista de recusar "in totum" a herança musical do passado.

— Alegria, Alegria (1967) marco da MPB, não reagiu somente contra o nacionalismo verde-amarelo dos proponentes do samba. Ao lado de Quarup, "Terra em Transe", e da montagem de "Rei de Vela", essa música representa uma verdadeira ruptura com os hábitos musicais da "intelligentia" desenvolvimentista. E, conforme já observou Wainício Nogueira Galvão, a importância política do verso "Uma cação me consola", de Alegria, Alegria foi justamente ter mostrado, pela primeira vez, a função catártica, festiva e apaziguadora que adquiria a música de protesto no clima da hipostase populista da cultura. Alegria, Alegria contém ainda outro significado político que gostaríamos aqui de mencionar. À luz da arguta formulação de Roberto Schwarz, de que em nosso País a reflexão de esquerda se especializara mais no impasse do capitalismo periférico que nos caminhos concretos da práxis revolucionária, os quatro versos nominais de Alegria, Alegria ("por entre fotos e nomes/sem livro e sem fuzil/sem fone sem telefone/no coração do Brasil") ganham hoje interessante significado político: elas representam uma das mais surpreendentes críticas ao reformismo prevalente entre os intelectuais até o colapso ao populismo em 1964.

Após dez anos de lançado o movimento Tropicalista, muita coisa aconteceu com a música brasileira, isso todo mundo sabe até demais. No entanto, o que fazem hoje, seus principais líderes Gil e Caetano e todos os outros seguidores, como Tomzé, Capinam entre outros? Uma pergunta até certo ponto fácil de ser respondida. Porque, atualmente todos que participaram do Tropicalismo estão consagrados e são os nomes mais importantes da música popular brasileira surgidos nos últimos anos.

Acontece que, exatamente em 1977 quando se comemora uma década que o Tropicalismo apareceu revolucionando e recebendo severas críticas dos conservadores, a coisa acontece da mesma forma com Gil e Caetano, mas uma vez na ponta de lança de uma série de acusações e piquetes por parte da chamada crítica especializada. Uma campanha deflagrada contra os dois, igual àquela ocorrida anteriormente quando os mesmos foram acusados de "alienados".

Toda polêmica teve início com Gilberto Gil. Esse ano, uma semana depois de os estudantes terem ido às ruas em todo o Brasil, revivendo as passadas de fins da década passada. O lema estudantil era e é "as liberdades democráticas," "antístia aos presos políticos" as mais importantes. Passada toda aquela confusão com a polícia intervindo e tentando desfazer o movimento, Gil chegou a São Paulo onde faria uma apresentação no Curso Equipe, um curso pré-vestibular. Com toda a euforia reinante na cidade, o show de Gil era esperado, como afirmou o cantor-compositor, "como um encontro onde se discutiria política e toda aquela problemática". No entanto, Gil procurou dar o show normalmente apenas como declarou depois "aconselhando aos estudantes a pensar melhor no que estavam fazendo, para não incorrer nos mesmos erros de 68". Isso foi o bastante para que, no dia seguinte, os jornais estampassem manchetes chamando Gil de alienado e relatando a insatisfação de carta parte da platéia que achava que "Gil estava envolvendo e manipulando as

peças querendo aliená-las, tornando-as passíveis diante de toda a repressão.

A pedra começaria a rolar com isso. De repente, toda a imprensa, principalmente a paulista e a carioca começou a cobrar atitudes de todos os baianos. A coisa já não era mais contra Gil, apenas. Agora, Caetano, Gal Bethânia, Glauber Rocha e até Jorge Amado entraram. Como uma espécie de ataque organizado, os críticos simplesmente arrasaram o disco de Caetano e de Gil.

Mas os discos até que não foram tão arrasados se compararmos com as críticas feitas ao show de Caetano Veloso e de Gal Costa, quando da temporada carioca. Os críticos chamaram Caetano de irresponsável pelo "Maria Fumaça Bicho Baile Show", achando o espetáculo malfeito e "que nem pra dançar, como Caetano quer, presta". Todos os jornais do Rio de Janeiro e até o semanário "Veja" não pouparam esforços em criticar o show, e como resultado disso tudo, a produção de Caetano teve um prejuízo muito grande, pois as 13.000 cópias não foram ao show, cabendo-se na opinião dos críticos, Com Gal, aconteceu a mesma coisa. Críticas impiedosas e o afastamento do público vieram, também a lhe causar um prejuízo incalculável.

Paralelo às críticas e acusações, os jornais começaram a colher as opiniões de Gil e Caetano, querendo explicá-las do porquê de eles se recusarem a falar de política, já que o público e os críticos cobravam deles uma atitude revolucionária, em relação a todo o problema que atualmente envolve o setor político do País. O clima de briga chegou a tal ponto em que ninguém mais comentava os trabalhos dos baianos, falando apenas de sua atitude política como se eles fossem políticos da Arena ou do MDB.

Mas nem toda a imprensa ficou com os baianos. Houve uma divisão: de um lado aqueles que achavam que eles deviam discutir política abertamente e se pronunciar quanto aos problemas de greve estudantil, sucessos presidencial. Pois, afirmam esses, "Caetano não pode se dar ao luxo de dizer que não lê jornal, não entende de política nem sabe o que é MDB ou Arena". Do outro, os que concordam com a posição dos baianos "pois a política do músico é a música". "O resto quem resolve são os políticos que ganham para isso".

Brigas à parte, a onda começou a ser desteita, os shows de Gal e Caetano encerraram temporada no Rio. Glauber Rocha depois de muitas entrevistas continuou com sua opinião "achando que nós devemos apoiar o presidente", e Jorge Amado sendo acusado de se tornar um escritor muito comercial a ponto de, para o lançamento do seu novo livro "Tieta do Agreste", envolver toda uma campanha publicitária em torno do mesmo. Os ânimos foram serenados, e durante um espaço relativamente curto curto não se falou mais no assunto.

Enquanto isso, Gil, tinha um show recusado em Ribeirão Preto, através dos estudantes de uma escola local que não aceitaram seu show por achar "que as idéias atuais do baiano não condizem com o pensamento político do movimento estudantil". Muita gente apoiou a decisão dos estudantes. Outras renegou-a achando uma atitude infantil e boba. Porém, Gil não parou e continuou com seu Refavela correndo o Brasil.

Passado esse incidente, tudo se normalizou outra vez, e Caetano e Gal estrearam "Bicho Baile Show" e "Caras e Bocas" respectivamente em outros Estados, conseguindo platéias imensas, que lotaram os teatros. Mas o ponto máximo de todo os acontecimentos após as críticas da imprensa carioca, se deu em São Paulo. O show de Caetano, feito para dançar e considerado pela crítica do Rio como "irresponsável" foi o maior sucesso na capital paulista tanto que no encerramento de cada show, era preciso a intervenção de Caetano, no sentido de retirar o público, do teatro Bandeirante, que queria mais. Gal pela mesma forma, Gil enchendo os ginásios e teatros onde se apresente. Enfim, como aconteceu em 1967, os baianos mais uma vez vitoriosos.

Finalizando a polêmica, as opiniões de políticos e até mesmo de outros cantores e compositores coincidem em parte com as dos baianos. Principalmente, Chico Buarque, que se manifestou pedindo respeito à posição assumida pelos baianos, em não discutir política, mostrando que "não se pode cobrar atitudes dos artistas como se eles fossem obrigados a levantar bandeiras". Uma opinião que viria finalizar todas as discussões, porque as pessoas que criticavam os baianos tentavam jogar, outra vez Chico contra eles.

O rei da brincadeira é José
O rei a confusão, é João,
Um trabalhava na feira, é José,
outro na construção, é João.

Na semana passada no fim da semana João resolveu não brigar foi fazer um passeio domingo no Parque e não foi pra Ribeira jogar, Capoeira (não foi pra cá) Pra Ribeira (foi namorar). O José como sempre saiu apressado largou a barraca e sumiu Foi fazer um passeio Domingo no parque, lá perto da Boca do Rio, Foi no parque que ele avistou, Juliana (foi que ele viu) Foi que ele viu. Juliana na roda com João Uma rosa e um sorvete na mão Juliana seu sonho, uma ilusão, Juliana e o amigo João. O Espinho da Rosa feriu Zé

E o sorvete gelou seu coração. O sorvete e a rosa (ô José) A rosa e o sorvete (ô João) O girando na mente (ô José) Do José brincalhão (ô João) O sorvete e a rosa (ô José) A Rosa e o sorvete (ô João) Ô girando na mente (ô José) Do José brincalhão (ô João) O sorvete é morango (ê vermelho) Ô girando, girando (ê vermelho) Olha a faca! Olha a faca! Olha o sangue na mão (ê José) Juliana no chão (ê João) Outro corpo caído (ê José) Seu amigo João (ê João) Amanhã não tem feira (ê José) Não tem mais construção (ô João) Não tem mais brincadeira (ê José) Não tem mais confusão (ê João)

DOMINGO NO PARQUE (Gilberto Gil)

MAS ACONTECE QUE ELES SÃO BAIANOS



DORIVAL CAYMI



DODÔ E OSMAR



MORAIS MOREIRA



JOÃO GILBERTO



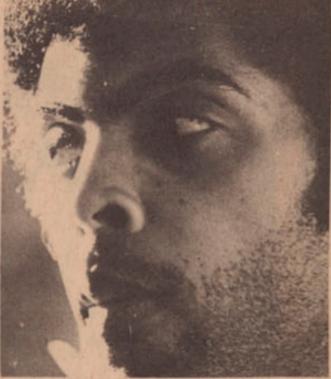
VALDICK SORIANO



SIMONE



GAL COSTA



GILBERTO GIL



ANTÔNIO CARLOS E JOFAFI



RAUL SEIXAS



CAPINAM



TUZÉ DE ABREU



WALLY SALOMÃO



EDY STAR



ZÉ TRINDADE



OS NOVOS BAIANOS



EDINHO SETE CORDAS



WALTER QUEIRÓZ



RIACHÃO



SMETACK



PITTI



TOM E DITO



MAR REVOLTO



CAETANO VELOSO



ARMANDINHO



MARIA BETHÂNIA



BENDEGÓ



EDERALDO GENTIL



FERNANDO LONA



MARIA CREUZA



TOM ZÉ



BATATINHA



PANELA